

TECNOLOGIA E NOVOS MEIOS PARA EDUCAÇÃO MUSICAL NO ENSINO MÉDIO

Rosimária Sapucaia Rocha
Universidade Federal da Bahia
rosyrocha4@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho apresenta uma proposta pedagógica para a Educação Musical no Ensino Médio. Aborda uma pesquisa empírica realizada durante o Mestrado com três turmas do Ensino Médio. A proposta pedagógica consiste em explorar a paisagem sonora local, seus elementos e suas características, através de exercícios de escuta, gravação e criação em sala de aula. Tem como objetivo principal buscar meios e possibilidades tecnológicas que aproximem a música que se ensina na escola e a vida do aluno, fazendo com que a Educação musical se firme dentro de bases sólidas que visem o reconhecimento e aprimoramento da cultura musical local, para que a mesma seja redescoberta pelo aluno. Os principais autores que embasam esta pesquisa são: Schafer (2011), Penna (2014) e Souza (2011). Ao longo do texto serão abordados os detalhes sobre o planejamento pedagógico, a metodologia de implementação e os resultados obtidos na pesquisa. Este trabalho visa uma Educação Musical que desenvolva a autonomia, a valorização da identidade local e o fortalecimento das interações entre aluno, professor e comunidade.

Palavras chave: Educação Musical, Paisagem sonora, Gravação em sala de aula.

INTRODUÇÃO

O presente estudo é resultado de uma pesquisa do Mestrado em Artes ProfArtes, realizada na Universidade Federal da Bahia. A pesquisa foi realizada no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Campus Almenara/MG com três turmas do ensino médio integrado; duas turmas do primeiro ano com média de 35 alunos cada; e uma turma do segundo ano, com 24 alunos. O desenvolvimento da pesquisa teve início em Março de 2015 com as turmas: 1º ano – informática 0115, 1º ano zootecnia- 0115 e 2º ano agropecuária 0114, finalizando-se em Agosto de 2016. Objetivou criar uma abordagem metodológica que utilizasse a paisagem sonora local, gravação em sala de aula, a busca por novas escutas e experiências musicais, buscando meios e possibilidades tecnológicas que aproximassem a música que se ensina na escola e a vida do aluno, fazendo com que a Educação musical se firme dentro de bases sólidas que visem o reconhecimento e aprimoramento da cultura musical local, para que a mesma seja redescoberta pelo aluno.

Ao longo do texto procura-se demonstrar novas atividades musicais, suas origens e concepções; bem como sua contribuição para o desenvolvimento das aulas de educação

musical no ensino regular. Como opção metodológica, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, documental e qualitativa, assim como a pesquisa-ação.

A pesquisa buscou responder o seguinte questionamento: De que forma uma experiência de ensino que explora a paisagem sonora e gravação em sala de aula como proposta de inovação pedagógica pode contribuir com o ensino de música na escola, unindo tecnologia e tradição cultural?

Dentre os principais autores que embasaram o estudo constam: Shafer (2011), Penna (2014), Penna (2010), Mateiro e Ilari (2011), Souza (2011), Santos (2013), Santos (2006), Thibealt (2011), Bento e Cavalcante (2013), Valadares (2013), Faria (2011) e Soares (2015). As aulas de Música possibilitaram trazer para a sala de aula atividades atraíssem a atenção dos alunos do ensino médio, de modo que, as aulas produzissem conhecimento, fossem participativas, sem, no entanto, infantilizar o público alvo ou os exercícios propostos. Depois de vivenciar experiências através da gravação em sala de aula por meio da paisagem sonora local, foram sugeridos aos alunos atividades práticas utilizando *SoundPainting* e Música com copos.

Os resultados obtidos foram satisfatórios. As rodas de conversa sobre os temas debatidos em sala de aula; as impressões que cada um expôs; os textos, poesias e desenhos que fizeram nos diários de ideias e, principalmente os relatos em que abordaram de maneira positiva sobre aprender música de maneira dinâmica. Nos questionários aplicados ao fim da sequência das aulas do primeiro trimestre, os alunos afirmam sobre a importância das aulas de músicas e dos conteúdos discutidos, 83% dos alunos pesquisados deram nota entre 8 e 10 para as aulas de música que tiveram durante a pesquisa. Conclui-se com os resultados atingidos pela Proposta pedagógica apresentada a seguir, que a mesma poderá ser utilizada com sucesso em outras turmas do ensino médio.

REFERENCIAL TEÓRICO

Analisar a prática educacional através das atividades diárias vai ao encontro da tendência atual da área de educação musical que tem buscado entender o ensino da música a partir de estudos empíricos. Apontamos desse modo, a necessidade de uma abordagem metodológica que utilize a paisagem sonora local, buscando novas escutas e experiências

musicais que se justificam na necessidade de dar significado à música enquanto componente curricular, valorizar a identidade musical local e fortalecer interações.

Penna (2014, p.28) afirma que essa iniciativa pressupõe duas atitudes renovadoras: - trocar a acomodação, que leva a repetir sem crítica os modelos tradicionais de ensino de música pela disposição de buscar e experimentar novas alternativas (metodologias). 2º - Ao invés de se prender a um determinado “padrão” musical, encarar a música em sua diversidade e dinamismo, pois, conforme a autora sendo a música “uma linguagem cultural e historicamente construída, a música é viva e está em constante movimento”.

No tocante, Mateiro e Ilari (2011, p.19) frisam que “a reflexão sobre a prática deve nortear a busca de respostas pedagógicas para as necessidades do cotidiano da sala de aula”. Assim é necessário conhecer diferentes métodos de educação musical para aprender com as experiências já realizadas, com as propostas sistematizadas, sem, no entanto, torná-los uma camisa de força.

Ao se pensar em estratégias de aula logo citamos Schafer (2011) e todo o capítulo “compositor em sala de aula”, pois nos dá um passo a passo de como trabalhar a partir do conhecimento prévio do aluno, contudo, não se aprisionando apenas nisso. A partir das ideias de Schafer, utilizamos gravação em sala de aula, buscando os sons que os alunos trazem de casa com o apoio de celulares e gravadores, ouvindo esses sons e editando-os em programas de áudio, transformando esses sons em composição. Nesse contexto, Souza (2009) em todo o livro Aprender e ensinar música no cotidiano traz o uso das mídias em sala de aula. Liane Hentschke e Luciana Del Ben (2003), no livro Ensino de Música- Propostas para pensar e agir em sala de aula reflete sobre as temáticas: planejamento e avaliação em música; escolha e organização de repertório para o trabalho a ser desenvolvido em sala de aula; conteúdos, metodologias e novas tecnologias para o ensino de educação musical. Jordão (2012) incita discussões profundas e fundamentais sobre como oferecer uma educação musical adequada, além de propiciar relatos, experiências, fundamentos e conteúdos a serem trabalhados. Bastian (2000) traz o pragmatismo da pesquisa empírica declarando a importância da fundamentação prática e não apenas teórica, onde o se fazer música sobrepõem-se a teorização.

Colaborando com esse momento, Souza (2011) traz boas sugestões sobre a prática musical no cotidiano com os jovens; Santos (2006), (2013) e Thibealt (2011), além de Schafer

(2011) fundamentam a utilização da gravação em sala de aula. Bento e Cavalcante (2013) e Valadares (2013) contribuem embasando o uso do celular e programas em sala de aula, possibilitando aliar tecnologia e o ensino de música. Dentro da perspectiva de incentivar os alunos a vivenciar a música através das possibilidades da contemporaneidade, Faria (2011) traz o *Soundpainting*, que é uma linguagem artística de improvisação que contribui de maneira positiva com a formação musical dos alunos. E por fim, Soares (2015) ao falar sobre novas experiências musicais afirma a importância do *cup song* ou música com copos enquanto jogo lúdico.

Durante o diálogo com os autores, são relatadas as experiências proporcionadas no período da pesquisa, incorporadas ao longo da prática músico-educacional. De acordo com esse seguimento: Mateiro e Ilari (2011, p.16) ressaltam que “Os professores, como profissionais reflexivos, precisam, constantemente, portanto, avaliar o próprio processo de ensino e aprendizagem em curso.” Nessa perspectiva, Penna (2014, p.223) revela que “A atuação do educador musical não se resume a uma mera reprodução ou aplicação de atividades preconcebidas por algum autor renomado”. É uma mediação que precisa da troca de conhecimentos entre professor/aluno, a música quando faz parte de experimentações do cotidiano ganham maior significado para a vivência musical do aluno.

Grava-Ação: Uso da Gravação em sala de aula

O gravador, ao permitir a exploração do mundo de uma forma singular e pessoal, torna o ato de gravar um som uma ação fascinante. (SANTOS, 2013, p.42)

O uso da gravação em sala de aula é um recurso muito interessante por ajudar tanto aos professores como aos alunos, a ouvirem o que produziram e avaliarem o seu desempenho. Paraphraseando Thibealt (2011, p.49-50) quando se pensa em estúdio de gravação se imagina materiais tecnológicos como microfones, mesas de som, computadores, tratamento acústico e instrumentos. Todavia, muitos professores de música têm se animado com a possibilidade da criação de um estúdio de gravação em suas próprias salas de aula em virtude dos custos reduzidos das aparelhagens e de programas de música que são facilmente encontrados nos aplicativos e programas de computador. O autor compara o estúdio de gravação a uma

máquina de café: muitos possuem, mas não sabem utilizar o equipamento. No que diz respeito ao seu uso assemelha-se a um instrumento musical, qualquer pessoa pode ter, mas demora um tempo para aprender a tocá-lo; ressalta ainda (2011, p. 51-52) que seria maravilhoso se os professores ao utilizarem a gravação dessem ênfase à criatividade, ao uso imaginativo de técnicas de estúdio e a capacidade para refinar os registros combinados com efeitos de sintetizadores, produzindo amostras que poderiam se tornar comuns na prática em sala de aula.

Em consonância com as afirmações de Thibealt, Santos (2006 p.16) revela que:

Desde que o desenvolvimento da tecnologia em áudio permitiu a realização de gravações de qualidade de qualquer som e a comercialização desses aparelhos tornou-se acessível às pessoas, os sons ambientais tornaram-se um valioso recurso e um rico material para aqueles interessados em trabalhar com eles.

Com esse novo olhar sobre a música que se configura em uma nova forma de realidade sonora, consequência da revolução tecnológica que impulsiona importantes transformações no campo sonoro, acústico e musical, as inovadoras possibilidades de manipulação e transmissão sonora permitem uma intensa produção, reprodução e incorporação musicais tais como ruídos e sons do ambiente.

Já em meados de 1964, vê-se que Schafer já inovava utilizando a gravação em suas aulas, proporcionando aos alunos a manipulação e experimentação do som para descobrir possibilidades e técnicas criativas com o gravador. O recurso, sobretudo, proporciona uma forma criteriosa de estudo. O autor menciona que “Através do recurso de gravação, você pode congelar sons para estudá-los. Um grande progresso ocorreu na análise e síntese do som desde a invenção do gravador. Antes disso, perseguir um som era como seguir o vento.” (SCHAFER, 2011, p.164). Nessa perspectiva, foram realizadas com os alunos atividades de gravação em que os mesmos gravaram os sons que escutam em suas casas e esses foram editados, primeiramente, formando uma composição coletiva; e em um segundo momento, a edição foi realizada individual e/ou de grupo, de maneira que a criatividade fosse a mola precursora da edição. Também realizamos atividades em que a aula foi gravada com celular e depois escutamos o áudio. Desse modo, as atividades possibilitaram novas formas de escuta e interpretação do que venha a ser música.

Paisagem sonora

Conforme Santos (2006, p.35) apud Truax (1996, p.55-56) a composição de paisagem sonora “é a presença de sons ambientais em contextos reconhecíveis”, cujo propósito é “invocar associações, memórias e a imaginação do ouvinte relacionadas à paisagem”. Revela que a intenção do compositor é conscientizar o ouvinte em relação aos sons do ambiente. Dessa forma, a composição bem-sucedida tem a capacidade de transformar as ideias do ouvinte referentes à utilização dos sons ambientais e o fazem refletir sobre o ambiente em que está vivendo.

No debate realizado com os alunos a respeito dos sons que ouviram em suas casas durante uma semana, a maior reclamação que partiu de muitos alunos referia-se aos vizinhos que costumavam ouvir música em suas casas ou nos carros de som em alto volume, o que atrapalhava toda a vizinhança e refletiu em muitos dos áudios que eles gravaram possuindo ao fundo músicas midiáticas que costumam ser ouvidas por toda a cidade.

A composição com os sons do ambiente inicialmente causou certa estranheza nas três salas do ensino médio. Contudo, não estava propondo nenhuma super novidade contemporânea, Schafer propunha esse tipo de atividade com seus alunos desde 1964 e talvez por isso a sua metodologia de ensino seja ainda tão inovadora, pois pouco tem chegado às escolas interioranas brasileiras.

Usos do celular como gravador de áudio e editor de áudio em sala de aula

Os jovens têm uma relação de muita intimidade com o celular, que na atualidade assumiu múltiplas funções: pode tocar MP3, fotografar, transmitir programas de TV, oferecer jogos, acessar internet, programas, aplicativos e redes sociais; Verdadeiros computadores portáteis.

Souza (2009, p.62) afirma que exceto a comunicação por voz, tocar música é a função mais popular do celular. Enquanto aparelho de tocar músicas, virou mania em diversos países, o que movimentou a indústria fonográfica, abrindo mercado para a comercialização dos *ringtones*. Ter o celular de última geração na palma da mão para os adolescentes significa a

proximidade em relação a ouvir as músicas do momento, ter status e estar conectado com o mundo digital em alta resolução.

Com relação ao uso do celular em sala de aula, Bento e Cavalcante (2013, p.114) dizem que o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação Móveis e Sem Fio (TICMS) ampliam as possibilidades e conseqüentemente os desafios da atual realidade escolar. Os educadores precisam se adequar à realidade moldada pelas TICMS. Entre elas, o celular é sem dúvida um aparelho popular, com aplicativos que podem vir a serem utilizados em sala de aula como recurso pedagógico.

Para Souza (2009, p.72) o educador musical deve ter como foco de interesse “a relação que acontece com as pessoas e esses aparatos, os usos cotidianos, a maneira de ouvir, selecionar e levar essas músicas para qualquer lugar”, pois os jovens aprendem com o celular a manusear, escolher e compartilhar com seus pares suas identidades musicais, revelando a importância que a música ocupa em suas vidas cotidianas.

Nesse sentido, as múltiplas funções do celular, despertaram-me o interesse neste equipamento enquanto ferramenta aliada à pesquisa, levando em consideração que o mesmo poderia ser utilizado como gravador de áudio, vídeo e editor de áudio. As atividades com o celular, primeiramente, partiram da sua função como gravador de áudio, usufruindo desse recurso na atividade em que os alunos gravaram em suas casas os sons do ambiente. Em uma segunda etapa, tanto com o uso dos computadores, como celulares, esses áudios foram editados. Para tal utilizou-se o programa Audacity. De acordo com Valadares (2013, p.4) o Audacity é um software de edição digital de áudio que permite a gravação e reprodução de áudios, além de importar e exportar arquivos; editar (copiar, colar, recortar, deletar); remover ruídos, entre outros recursos. “O seu uso como ferramenta pedagógica possibilita ao aluno uma nova experiência em relação aos arquivos de áudio.” Experiência pautada na escuta, na harmonização e em uma série de propriedades da música e do som que sobremaneira fazem a diferença na execução desse software.

Os alunos de um modo geral tiveram facilidade em aprender a utilizar o Audacity, exceto aqueles com menos habilidades tecnológicas. Dando maior atenção a estes, durante duas aulas revimos o passo a passo para a edição dos áudios e a partir do momento que adquiririam segurança, em duplas ou trios editaram os áudios de todos os alunos fazendo

recortes e colagens, transformando o sons em música. Todas as dúvidas, que por ventura, surgissem eram motivo para nos comunicarmos pelas redes sociais, muitos deles enviavam as perguntas via gravação de voz. Um recurso disponibilizado pelo whatsapp que permite a comunicação rápida e precisa a partir do envio do áudio da voz.

Schafer (2012, p.162) reconhece que “nenhuma gravação é reprodução exata do som vivo. Distorções são introduzidas tanto na produção como em sua reprodução.” O autor declara que mesmo nos equipamentos domésticos mais simples há recursos que influenciam o som. E os aparelhos de alta-fidelidade possuem filtros para reduzir ou incrementar as frequências graves ou agudas. O que para Murray Schafer é algo espetacular no desenvolvimento da gravação: “hoje nos é mais natural ouvir música reproduzida eletricamente do que música ao vivo, que começa a soar não natural.” (2010, p.163). Não é por acaso que normalmente ouvimos pessoas irem a Shows e voltarem decepcionados, dizendo que não era o cantor que se apresentou, não era o verdadeiro, que no CD não era aquela voz, ou mesmo que fulano ou sicrano não cantam nada ao vivo.

SoundPainting

Após a sequência didática referente à gravação e edição de áudios, utilizando a paisagem sonora local, os alunos foram convidados a conhecer o *SoundPainting*. Trata-se de uma linguagem de improvisação criada pelo compositor e saxofonista Walter Thompson nos Estados Unidos da América na segunda metade do século XX. Os primeiros sinais foram criados por ele em meados da década de 70 para um festival em Woodstock para estruturar algumas sessões de improvisos em suas composições.

Faria (2011, p.1) afirma que na linguagem *soundpainting* temos *performer(s)* e *soundpainter(s)*. O *performer* é o indivíduo que executa a ação, é o intérprete da própria voz, que identifica a possibilidade de expressão concomitantemente às necessidades de aprimoramento e desenvolvimento musical. Já o *soundpainter* é uma espécie de regente que altera a dinâmica da música, andamento e intenções; é o indivíduo que fica frente ao grupo e dá forma à composição através dos gestos, um compositor que manuseia e rege o material improvisado pelo grupo de *performers*.

Segundo Faria (2011, p.4) o fato de não utilizar notação musical tradicional; as possibilidades do trabalho com a improvisação, que não se restringem às relações harmônico-escalares, e considerar o 'erro' como elemento importante para o processo de desenvolvimento musical, tornam o *soundpainting* uma ferramenta pedagógica, que proporciona acessibilidade aos músicos, que não tiveram contato consistente com a improvisação. Conforme experiências realizadas na Universidade Federal de Juiz de Fora (MG), Faria (2011, p.5) conclui que os exercícios de *soundpainting* propostos aos alunos possibilitaram mudanças de perspectivas e paradigmas que trouxeram benefícios para a formação musical dos indivíduos, pois alunos deixam de ser meros instrumentistas e passam a ser também criadores, capazes de ouvir, pensar e lidar com a músicas de outras maneiras.

Nessa perspectiva o Soundpainting foi escolhido para o trabalho com as turmas, pois além de estar na via do aprendizado contemporâneo, não havia conhecimentos prévios a respeito e tampouco inibição, pois seria algo novo e diferente de tudo o que estavam acostumados. Foram utilizadas três aulas para concluir essa sequência didática, começamos com um pouco da história da linguagem *soundpainting*, assistimos a vídeos e depois começamos a praticar utilizando três gestos e vocalizes simples. Os alunos foram avaliados conforme participação e desempenho durante as aulas. Apesar das dificuldades iniciais, os alunos superaram e realizaram a atividade de forma disciplinada e participativa, sempre atentos aos sinais e gestos da regente.

Música com copos

Assim que finalizamos a sequência didática que explorava a linguagem de improvisação *soundpainting*, iniciamos as atividades com *Música com copos*. *Cup Song* ou "Música com copos" é uma técnica que se tornou viral na internet e nos programas de TV, levando crianças e adolescentes a produzirem milhares de tutoriais no youtube, ensinando os passos e/ou gesto coreográficos para tocar e/ou dançar. A técnica começou como acompanhamento musical e ingressou nas artes cênicas gerando coreografias desafiadoras com o uso do Copo. No Brasil, a pioneira foi a pesquisadora Viviane Beinike, autora de *Lenga La Lenga*.

Conforme Soares (2015, p.46) ao falar sobre novas experiências musicais afirma a importância do *cup song* enquanto jogo lúdico¹.

Os jogos lúdicos como, por exemplo, “*Cup Song*”, interpretações, movimento e percussão corporal, [...] coadjuvaram ao desenvolvimento auditivo e psicomotor, estando todos eles relacionados com diversos conteúdos programáticos como o ritmo, melodia, forma e harmonia, passando também pela experimentação, criação e improvisação.

A música com copos além de possibilitar o envolvimento dos alunos, o desenvolvimento da coordenação motora, atenção, concentração, percepção rítmica e sonora, ainda é uma ótima prática de conjunto, pois reafirma na música coletiva a interdependência e a necessidade de integração dos participantes.

Nessa última atividade da proposta pedagógica muitos dos alunos já haviam gravado vídeos executando música com copos e esses, por conseguinte, tornaram-se tutores entre os colegas menos habilidosos. Inicialmente vimos vídeos que originaram a Música com copos e experiências dos próprios colegas; em seguida em espaços abertos da escola, começamos a praticar com músicas conhecidas e em seguida com músicas regionais.

A atividade música com copos atingiu aos resultados esperados, bem como possibilitou a plenitude de uma vivência expressivo-comunicativa que contribuiu sobremaneira para a aquisição de uma educação musical que não está apenas nos anais teóricos, mas que pode ser vivenciada e praticada pelos alunos na escola e em suas casas.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e qualitativa, bem como a pesquisa-ação. Dentre os principais autores que embasaram o estudo constam: Shafer (2011), Penna (2014), Penna (2010), Mateiro e Ilari (2011), Souza (2011), Santos (2013), Santos (2006), Thibealt (2011), Bento e Cavalcante (2013), Valadares (2013), Faria (2011) e Soares (2015).

Tendo como inspiração as ideias de Schafer (2011), utilizamos os celulares como gravadores de áudio, com os quais os alunos gravaram os sons do cotidiano, captando a paisagem sonora diária e depois, através de colagens com o uso do programa Audacity, realizamos composições individuais e coletivas. Além da gravação em sala de aula, também

¹ Jogo sem regras, ganhadores ou perdedores.

foram utilizadas experiências com o *SoundPainting*, que é uma linguagem de improvisação e Música com copos; possibilitando aos alunos o desenvolvimento da percepção rítmica e o contato com outras formas de ouvir e produzir música; provendo ainda debates, rodas de conversa e prática em conjunto.

Todas as atividades propostas proporcionaram estabelecer relações de identidade dos alunos com a cultura do Vale, cultura esta, que eles não tiveram muito contato ao longo da vida e conseqüentemente não se sentiam parte ou mesmo haviam criado laços. Aliar a tecnologia e novos meios de produção musical à música local permitiu que as aulas de Educação musical pudessem ser mais dinâmicas ao mesmo tempo em que trazia para a sala de aula a cultura e história artística da comunidade.

RESULTADOS

Todas as atividades realizadas obtiveram a participação efetiva dos alunos. As aulas realizadas com gravador tiveram algumas dificuldades: os alunos realizaram as gravações dos sons que ouviam em suas casas e levaram-nas para a sala de aula, no entanto, não pudemos ter acesso ao laboratório de informática em função de regras que impedem instalações de programas nos computadores, o que dificultou a edição conjunta; de modo que, enviaram os áudios via redes sociais e email e eu os editei. Um trabalho que seria realizado com toda a turma tornou-se solitário e exigiu uma segunda etapa, onde os alunos em grupo realizaram a edição em suas casas, tendo a oportunidade de manipular e experimentar os sons editando-os e compondo a música de cada grupo.

As rodas de conversa sobre os sons que ouviram; os temas debatidos em sala de aula; as impressões que cada um expôs; os textos, poesias e desenhos que fizeram foram muito interessantes; em todos os textos e relatos eles abordam sobre como foi positivo prestar atenção à sua volta, conhecer um pouco sobre o universo musical e aprender música de maneira dinâmica. Nos questionários aplicados ao fim da sequência das aulas do primeiro trimestre (em anexo), os alunos afirmam sobre a importância das aulas de músicas e dos conteúdos discutidos, 83% dos alunos pesquisados deram nota entre 8 e 10 para as aulas de música que tiveram durante a pesquisa.

Nesse contexto, Schafer (2011, p.273) justifica que é preciso: “Apresentar aos alunos de todas as idades os sons do ambiente; tratar a paisagem sonora do mundo como uma composição musical, da qual o homem é o principal compositor; e fazer julgamentos críticos que levem à melhoria de sua qualidade”. Esses julgamentos críticos que os alunos realizaram nas rodas de conversa e no próprio diário de bordo foram por demais satisfatórios, pois proporcionaram uma avaliação tanto do trabalho conjunto como das ações individuais.

As atividades com o *SoundPainting* e Música com copos, inicialmente, mostraram-se um pouco difíceis para os alunos; em função da falta de coordenação motora, atenção e prática dos alunos com tais atividades, entretanto, no decorrer das práticas os alunos melhoraram o desempenho e o resultado final foi bastante positivo por possibilitar a interação, a prática de conjunto, concentração e expressão corporal. Com as devidas adaptações, essa proposta pedagógica pode ser utilizada por outros professores.

REFERÊNCIAS

- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília. Liber Livro Editora, 2004.
- BARRAL, Gilberto Luiz Lima. Liga esse celular! Pesquisa e produção audiovisual em sala de aula. **Revista Fórum de identidades**. ITABAIANA: GEPIADDE, Ano 6, Volume 12 | jul-dez de 2012
- BAUER, Martin e GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático I**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BASTIAN, Hans Günther. **A pesquisa (empírica) em educação musical à luz do pragmatismo**. Trad. Jusamara Souza. Em Pauta. Porto Alegre, v. 11, n. 16/17, p. 76-109, 2000
- BENTO, Maria Cristina Marcelino e CAVALCANTE, Rafaela dos Santos. **Tecnologias móveis em educação: O uso do celular em sala de aula**. ECCOM, v. 4, n. 7, jan./jun. 2013
- FARIA, Bruno Coimbra. A linguagem de sinais para improvisação SoundPainting: sinalizando uma nova ferramenta para a formação musical. **Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011** <<https://www.yumpu.com/pt/document/view/13717085/anais-do-vi-simcam-simposio-de-cognicao-e-artes-anppom/253> acessado em 24/11/15 > acessado em 24/11/15 às 16:00.
- HENTSCHKE, Liane e DEL BEN, Luciana. **Ensino de Música – Propostas para pensar e agir em sala de aula**. São Paulo: Editora Moderna, 2003.
- JORDÃO, Gisele. et al. **A música na escola**. São Paulo: Allucci e Associados comunicações, 2012.
- MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz. **Pedagogias em Educação Musical**. Curitiba: Ibopec, 2011- (Série Educação Musical).
- PENNA, Maura. **Reavaliações e buscas em musicalização**. São Paulo: Edições Loyola, 1990, 85 pp.
- _____. **Música(s) e seu Ensino**. 2ª ed.rev e ampl. Porto Alegre: Sulina, 2014. 247p.
- SANTAELLA, Lúcia. **Matrizes sonoras da linguagem e Pensamento**. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- SANTOS, Fátima Carneiro dos. **A paisagem sonora, a criança e a cidade: exercícios de escuta e de composição para uma ampliação da ideia de música**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas – Campinas, SP: [s.n.], 2006.
- _____. A escuta da cidade/ paisagem sonora: um exercício poético. **Baleia na rede: Estudos em arte e sociedade**. ISSN 1808 -8473 - n. 10, vol. 1, 2013.

SCHAFER, Murray. **O ouvido Pensante**. Tradução de Marisa Trench de O. Fonterrada, Magda R. Gomes, Maria Lúcia Pascoal; revisão técnica de Aguinaldo José Gonçalves. 2ª ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011, 408 p.

SOARES, Maria Joana Serrano. **Prática de Ensino Supervisionada em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico**. Instituto Politécnico- Escola Superior de Educação de Bragança. Bragança, 2015.

SOUZA, Jusamara. **Aprender e ensinar música no cotidiano**. Org. por Jusamara Souza- Porto Alegre: Sulina, 2009. 287p.

THIBEAULT, Matthew D. Wisdom for Music Education From the Recording Studio. **General Music Today** 25(2) 49–52. National Association for Music Education, 2011.

VALADARES, Marcus Guilherme Pinto de Faria. Letramentos na Era Digital: o uso do software Audacity como ferramenta pedagógica na produção de podcasts. **UEADSL 2013.1**. <<http://textolivre.pro.br/blog/?p=4377>> acessado em 17/11/15 às 19:00.